**CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E O ENSINO RELIGIOSO INTERCULTURAL:**

**notas exusíacas a partir do pensamento latino-americano.**

***Ângela Cristina Borges[[1]](#footnote-1)***

***Giseli do Prado Siqueira[[2]](#footnote-2)***

**Grupo de Trabalho (GT):** 1, **Ciências da Religião e Ensino Religioso: interfaces epistemológicas**

**Resumo**

Assumir aInterculturalidade tem sido um desafio para as Ciências da Religião no Brasil. Isso, desde sua compreensão conceitual até a conscientização da área no que se refere à formação de professores de Ensino Religioso. Há dificuldades dos programas da área em inserirem na estrutura curricular e projetos de pesquisa as religiosidades tupiniquins, o que ao nosso olhar requer a inserção de autores brasileiros, latino-americanos em interseção com os africanos. Para a abordagem intercultural o aprofundamento nas epistemes latino-americana é uma exigência. Este estudo em perspectiva exusíaca (intercultural, decolonial, sapiencial), traz à tona essa discussão colocando como cruzo que forma essa encruzilhada a interculturalidade libertadora latino-americana, a partir da Filosofia Intercultural e a Crítica Decolonial. O pensar exusíaco, próprio da Macumba epistêmica constituída de conhecimentos sapienciais presentes nos terreiros afro-brasileiros, é um pensar crítico e libertador que pode auxiliar a área no giro desta no que se refere à interculturalidade.

**Palavras-Chave:** Interculturalidade**;** Justiça; Ensino Religioso**;**Pensar exusíaco; Ciências da Religião.

**1 Introdução**

As Ciências da Religião, em sua origem europeia, nascem no bojo do projeto colonial-ocidental como parte estrutural do Sistema Mundial Moderno. Da leitura colonial sobre as “novas” religiosidades americanas, ameríndias e africanas a partir das teologias cristãs, vistas como superiores, tem buscado se direcionar à compreensão do fenômeno em sua diversidade religiosa e cultural. Tarefa que impõe dificuldades, uma vez que requer *desprendimento*, no que se refere às epistemologias do Norte e a necessidade de operar em novas lógicas, a exemplo do reconhecimento de epistemologias baseadas nos saberes vivenciais.

No Brasil, a área tem apregoado sua cientificidade, ainda que com dificuldades de, institucionalmente, se afastar da Teologia. Aproximação para muitos nociva à pesquisa e ao Ensino Religioso, uma vez que o teísmo didático-metodológico é sempre uma sombra. Por outro lado, se entende que o reconhecimento institucional das Ciências da Religião no Brasil passa pelo atrelamento provisório com a Teologia. De todo caso, pode ser condição futura para as Ciências da Religião, enquanto área formativa para um Ensino Religioso Intercultural, desligar-se da Teologia no Brasil para, verdadeiramente, contemplar a diversidade religiosa.

A despeito dessa discussão, timidamente e, “a passos de formiga e sem vontade”, os Programas de Pós-Graduação, se “abrem” aos estudos interculturais. Timidez e morosidade se deve, entre os fatores estruturais de cada programa, ao distanciamento dos nossos intelectuais - presos em epistemologias ocidentais -, da produção epistêmica dos nossos próprios intelectuais. O ocidentalismo enquanto imaginário foi “construído por letrados y letradas, viajeros y viajeras, estadistas de todo tipo, funcionários eclesiásticos y pensadores cristianos” (MIGNOLO, 2003, p.91), estruturou nossa educação e, consequentemente, nosso modo de fazer ciência.

Enquanto imaginário dominante do mundo colonial moderno, forjado na diferença colonial, a imagem que temos do ocidentalismo “estuvo siempre acompanhada de un “exterior interno”, es decir, de una “exterioridad” pero no de un “afuera”. Quer dizer, “ o Ocidente(...) nunca foi o outro para a Europa, mas a diferença dentro do mesmo (...), de modo que a América, na condição de diferente dentro do mesmo (extremo Ocidente) não era vislumbrada como uma alteridade e, a não observância disso foi condição primeira para a subalternização.

No que se refere às Ciências da Religião e sua relação com o Ensino Religioso, o caminho para a descolonização epistêmica e a realização de um Ensino Religioso Intercultural, passa pelo desprendimento das epistemologias que nos aprisionam na marafunda de sermos uma alteridade, “un afuera”. O que demanda processos de conscientização sobre qual o nosso lugar na história mundial.

Este trabalho, em perspectiva exusíaca (Intercultural, Decolonial ), pretende trazer à baila como o pensar exusíaco, presente nos terreiros afro-brasileiros, promove libertações e, descolonizações através da Macumba epistêmica, a terapêutica afro-religiosa pedagógica.

**2 Fundamentação teórica**

Abordar sobre a interculturalidade e, tratar de conhecimentos vivenciais como os produzidos pelos terreiros afro-brasileiros nos coloca em encruzilhadas epistêmicas tais como Filosofia Intercultural, a Crítica Decolonial e a macumba epistêmica.

O pensamento filosófico intercultural de de Raúl Fornet-Betancourt (2014) e de Fidel Tubino (2019) nos cabem. O primeiro nos diz que

Interculturalidade quer designar, antes aquela postura ou disposição pela qual o ser humano capacita para, e se habitua a viver “suas” referências identitárias em relação com os chamados “outros’, quer dizer compartindo-as em convivências com eles. Daí que se trata de uma atitude que abre o ser humano e o impulsiona a um processo de reaprendizagem e recolocação cultural do qual nos fazemos culpáveis quando cremos que basta uma cultura, a “própria” para ler e interpretar o mundo (FORNET-BETANCOURT, 2004, p.13)**.**

Já o segundo ao tratar da possível relação entre universidade e interculturalidade aconselha o seguinte:

Antes de reflexionar sobre el papel que podría desempeñar la universidad en la construcción de una sociedad intercultural, conviene reiterar que la interculturalidad es mucho más que tolerancia y respeto del otro; la interculturalidad es voluntad de convivencia, fuente de dinamismo individual y social, y diálogo fecundo, gozoso y mutuamente enriquecedor entre culturas y pueblos diversos (...). (TUBINO,2019, p,21)

A militante da decolonialiade Catherine Walsh (2014), propõe a interculturalidade critica “como un pensamiento “otro” que se afirma en América Latina como proyecto alternativo de carácter ético, ontológico, epistémico y político (Walsh, 2014, p.34).

Alguns aspectos estão presentes nas visões apresentadas por esses intelectuais sobre a interculturalidade, tais como interculturalidade enquanto abertura ao outro e disposição ao diálogo (Fornet-Betancourt), enquanto vontade de conviver com o outro que parte de uma consciência da riqueza do diálogo na diversidade cultural (Fidel Tubino) e a interculturalidade enquanto pensamento outro, um pensamento ético, epistêmico, e político (Walsh) que foge à lógica ocidental.

O pensar exusíaco, ao nosso olhar segue o proposto por nossos autores e autora, um pensamento outro que é crítica à condição marginal e, consequentemente ao colonialismo da forma como apregoado por Manuel Bomfim (2008) quando afirma que a cultura de parasitar o outro é uma enfermidade herdada por nós da Europa.

O exposto acima esclarece que a encruzilhada teórica está posta.

**3 Metodologia**

Considerando os status dos estudos sobre as religiões brasileiras de matriz africana na academia no Brasil, entendemos que nossa tendência se enquadra no que denominamostendência científico-religiosa inter-libertadora, uma vez que nossas área, as Ciências da Religião nos permite falar do nosso lugar de adepto mas com o afastamento necessário para garantir a cientificidade de nossas abordagens. Essa tendência, demonstra a capacidade de, no lugar de fala, apresentar experiências enquanto cientista da religião,

Dessa forma, na sua esteira os caminhos desta discussão são empíricos e teóricos. Seguimos, no caminho teórico, os filósofos da interculturalidade Raúl Fornet-Bethancourt (2014) e Fidel Tubino (2019), a ativista da decolonialidade Catherine Walsh (2014) e o ativista dessa epistemologia Walter Mignolo.

No que se refere ao caminho empírico, reunimos nossa experiência de duas décadas como pesquisadoras das religiões brasileiras de Matriz africana nas cidades de Montes Claros, Norte de Minas Gerais, Vespasiano, região metropolitana de Belo Horizonte e, a própria capital, oportunidade para a prática da pesquisa participante, qualitativa, e reunião de experiências outras para trazer a luz os saberes e conhecimentos vivenciais dos principais atores dessas religiões, seus especialistas, adeptos e simpatizantes.

**4 Resultados e Discussão**

O Ocidentalismo, enquanto construção transatlântica, se constituiu na medida em que a América é vista como extensão da Europa e não como sua diferença (MIGNOLO, 2003), o que tem como consequência a hierarquização de pessoas, regiões, culturas e conhecimentos. Nosso sistema educacional seguiu essa lógica de subalternização do colonialismo e do imperialismo ocidental. E os racismos resulta dessa colonialidade.

As consequências do racismo, além da violência ao corpo do outro negro, a negação de sua estética, exclusão social e subalternização de seus saberes podem ser resumidas na palavra infrahumanização. Tal infrahumanização não somente traz prejuízos para as raças oprimidas, uma vez que o opressor anula as possibilidades de ter acesso à riqueza cultural produzida pelo oprimido (FORNET-BETHANCOURT, 2014).

Seguindo nossa tendência científico-religiosa inter-libertadora, observamos a terapêutica afro-religiosa, a macumba epistêmica, ao longo de nossa experiência enquanto pesquisadora. Constatamos que, a despeito das sensações relatadas pelos “pacientes”, provenientes da subjetividade, essa terapêutica é pedagógica ao fomentar um pensar exusíaco (BORGES, 2023), presente nos terreiros de afro-religiosos, que provoca epifanias no que se refere ao lugar que o “paciente” ocupa no mundo.

Esse pensar, critico, leva ao entendimento da injusta vida do “paciente”, seja em âmbito familiar ou profissional, seja em uma dimensão mais larga que inclui aspectos tais como: raça, sexualidade, gênero, nível social, pertença religiosa e, nacionalidade. O pensar exusíaco vem à tona, nos terreiros de Umbanda, Quimbanda e Candomblé, sejam polifônicos ou não, no processo terapêutico que podemos tomar como uma gira. Se na Umbanda, em perspectiva religiosa, a gira é o caminho que levará ao contato com o divino, em perspectiva exusíaca se processa como terapêutica afro-religiosa enquanto caminho para o auto-conhecimento que se inicia no primeiro passo adentro ao terreiro.

A estética afro-religiosa iniciada com o falo de Exu, a arquitetura meam-meam, bem ocidental, nem africana, nem ameríndia latino-americana conforma um ambiente que impacta a subjetividade do “paciente” ao ponto desse se ver como injustiçado, marginalizado, subalternizado. A estética é espelho de sua marginalização. Na terapêutica afro-religiosa a constatação da condição marginal mergulha o assistido em uma encruzilhada existencial.

A gira continua via outros rituais como ebós de limpeza, cânticos que retratam a vida, aconselhamentos, choques de realidade. Inferências sobre a própria existência e relações familiares e de trabalho são colocadas na berlinda. Processo que, em um alargamento da consciência alcança questionamentos que envolve a história passada do povo brasileiro e, os desígnios políticos e econômicos.

O entendimento sobre a existência de hierarquias entre pessoas e entre gêneros é o mais comum. O rodopio de Exu se faz e joga por terra a marafunda política, a colonialidade. O pensar exusíaco tem seu ápice quando o “paciente” decide por promover giros em sua vida.

Compreendemos que esse pensar, inspirado em Exu, é intercultural. Exu é um agente da comunicação e enquanto rei da Encruzilhada tem a capacidade de ser o centro de entroncamentos culturais. Ainda que o pensar exusíaco seja a partir da ideia de movimento dessa personalidade afro-religiosa, o “paciente” provém de uma realidade a parte, isto é, mais ocidental do que afro-brasileira. Uma vez no terreiro, em terapêutica, o diálogo intercultural ocorre tal como defende Fidel Tubino (2019).

O reconhecimento das Ciências da Religião para epistemologias como a macumba, assentada no pensar exusíaco mune essa área de uma perspectiva intercultural fundamentada em um paradigma cultural-religioso que lhe pertence. O que significa para a área operar em outra lógica (WALSH,2014) e não mitigar na exclusividade ou “excepcionalidade europeia-ocidental”.

**5 Considerações Finais**

O trabalho considera a tarefa das Ciências da Religião enquanto área responsável pela formação de futuros professores de Ensino Religioso a partir de uma perspectiva intercultural libertadora e descolonizadora. Centra tal perspectiva no pensamento inter-libertador latino-americano que proclama a necessidade de trazer à tona epistemologias outras. Um caminho é o erguimento de pensamentos outros, a exemplo do pensar exusíaco que emerge na terapêutica afro-religiosa que aqui denominamos de macumba brasileira.

Esse pensar, em epifanias e em outros aspectos tais como a estética e o oráculo e procedimentos ritualísticos tem em Exu sua inspiração, o movimento, a dinâmica da vida e a transformação. As Ciências da Religião no Brasil realmente encontram-se em uma encruzilhada, entre as epistemologias ocidentais cunhadas na Modernidade e a necessidade de promover giros para a formação de professores interculturais.

A contribuição desse pensar para o Ensino Religioso é se apresentar como uma perspectiva epistêmica intercultural para as Ciências da Religião que deve emergir como crítica da área à Modernidade constitutiva da Colonialidade e das várias formas de Parasitismo, a exemplo do religioso e de gênero.

O pensar exusíaco pode trazer, para as Ciências da Religião, uma interculturalidade enquanto projeto de reconhecimento da necessidade de fazer justiça aos povos colonizados(Walsh) e suas religiosidades . O que significa desprender-se da exclusividadade das epistemologias ocidentais e contribuir para um Ensino Religioso anti-racista e político. Um Ensino Religioso inter-libertador.

**Referências**

BOMFIM, Manoel. **América latina; males de origem**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca básica brasileira, 2008.

BORGES, Cristina. Sobre la educación intercultural en Brasil. Notas In: ZUCHEL, Lorena;ALBERTSEN,Torben;ASTRAIN, Ricardo Salas. **Interculturalidad y Reconocimiento**. Santiago de Chile: Ariadna Ediciones, 2023.

TUBINO, Fidel. La interculturalidad crítica latinoamericana como proyecto de justicia. **Revista Forum Historia e Iuris**, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://forhistiur.net/2019-03-tubino/?l=es>. Acesso em: 03 jun. 2023.

FORNET-BETANCOURT, Raul. **Religião e interculturalidade.** Curitiba: Editora Sinodal, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidaddel poder. Um pensamento u posicionamento outro desde la diferencia colonial. In: LINERA, MIGNOLO, WALSH. **Interculturalidad, descolonizacióndel Estado y delconocimiento**. Nome da coleção: El desprendimiento. Buenos Aires: Edições Del Signo, 2014.

1. Doutora em Ciências da Religião. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tutora do Programa de Educação Tutorial em Ciências da Religião/SESu\MEC. [cristinaborgesgirasol@gmail.com](mailto:cristinaborgesgirasol@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora em Ciências da Religião. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [giseli@pucpcaldas.br](mailto:giseli@pucpcaldas.br) [↑](#footnote-ref-2)